

MYTHISTORIA

Maria Luiza Corassin
Depto. de História – FFLCH/USP

Resumo

Este artigo trata do aparecimento do vocábulo *mythistoria* como criação do autor da História Augusta, obra datada do século IV, buscando esclarecer o sentido original em que foi empregado.

Abstract

This article is a study about the origin of the term *mythistoria*, created by the Historia Augusta author, in the fourth century, searching the original sense of this word.

Palavras-Chave

Mythistoria – História Augusta – Biografia – Historiografia – Roma

Keywords

Mythistoria – Historia Augusta – Biography – Historiography – Rome

O termo *mythistoria* compareceu pela primeira vez na História Augusta, utilizado na biografia de *Macrino* (Macr.) 1,5 e nas da *Quadriga de Tiranos* (Quadr. Tir.) 1,2. Essa palavra não é encontrada em nenhum outro autor antigo, grego ou latino. O *Lexicon totius Latinitatis* dá como significado “narratio fabulosa et frivola”; para o adjetivo *mythistoricus* o sentido dado é “fabuloso”, “misto de história e fábula”. Verifiquemos, no entanto, o contexto em que este termo aparece nas duas passagens citadas:

I- Opílio Macrino - por Júlio Capitolino

1- As vidas de tais imperadores, os usurpadores ou Césares que não reinaram por longo tempo, permanecem obscuras, porque nada há em suas vidas privadas que mereça ser narrado – nada saberíamos a respeito deles se não tivessem aspirado ao império – e não se pode falar muito sobre seus reinados, porque foram efêmeros. Vamos expor, contudo, as informações que descobrimos em diversos historiadores, e serão aqueles fatos dignos de serem mencionados. 2- Não há alguém que não tenha feito algo a cada dia no decorrer de sua vida. Mas a tarefa daquele que empreende escrever a biografia de alguém é registrar apenas os fatos dignos de conhecimento. 3- É assim que Júnio Cordo dedicou-se a publicar as vidas de imperadores que ele considerava os mais desconhecidos, mas não teve muito resultado 4- pois ele encontrou somente poucas informações, que não mereciam passar à posteridade. Ele afirmava que os detalhes mais ínfimos deviam ser expostos, como se nos importasse saber, mesmo a respeito de um Trajano, de um Antonino Pio ou um Marco, quantas vezes eles apareceram em público, em que momento modificaram seu regime alimentar, quando trocaram de roupa ou a quem, e em qual ocasião, eles concederam promoções! 5- Andando atrás de todas estas ninharias e narrando-as, ele encheu livros com mithistórias,¹ embora sobre assuntos insignificantes nada se devesse escrever, ou muito pouco, desde que eles permitam conhecer o caráter, que é o que realmente interessa conhecer, – mas somente em parte, para que deles se possa inferir o restante.

¹ “quae ille omnia exsequendo libros mythistoriis replevit talia scribendo”.

II- Quadriga de Tiranos: Firmo, Saturnino, Próculo e Bonoso - por Flávio Vopisco de Siracusa

1- A maioria dos escritores, eu sei, passou em silêncio sobre os usurpadores menos importantes ou apenas fez uma rápida alusão a eles. Pois Suetônio Tranquilo, escritor muito veraz e irrepreensível, calou-se a respeito de Antônio e Vín-dece, contentando-se com algumas menções sumárias; o mesmo ocorreu com Mário Máximo, que tratou de Avídio – da época de Marco – e de Albino e Níger – da época de Severo – não em obras especiais, mas integrou-as nas de outros imperadores. 2- Isso não é de se admirar em relação a Suetônio, pois ele era naturalmente inclinado à concisão. Mas o que dizer de Mário Máximo, o homem mais prolixo de todos, que se embaraçou em volumes inteiros de *mithistória*²: desceu ele a tal precisão de detalhes? 3- Em compensação, Trebélio Polião demonstrou tanto zelo, tal cuidado ao tratar dos príncipes bons e maus, que até reuniu brevemente em um único livro as biografias dos trinta tiranos que viveram no tempo de Valeriano e Galieno, assim como dos príncipes seus predecessores e sucessores. 4- Por isso, a nós também não faltará o cuidado, embora não tão grande, para que, após ter falado de Aureliano, Tácito e Florianiano, além de Probo, grande e inigualável príncipe, e antes de abordar Caro, Carino e Numeriano, não silenciemos sobre Saturnino, Bonoso, Próculo e Firmo, que viveram na época de Aureliano.

11

Não cabe retornar aqui à questão, ora já amplamente debatida, sobre a autoria desta obra: é consenso hoje que há um único autor para a *História Augusta*, disfarçado sob seis pseudônimos diferentes, que a redigiu em data próxima ao final do século IV. As biografias da coletânea estão distribuídas entre esses seis nomes falsos de autores.³

Nesses dois Prefácios de biografias contidas na *História Augusta* acima reproduzidos, os “autores” Júlio Capitolino e Flávio Vopisco apresentam uma reflexão sobre a elaboração das *vitae* que virão a seguir. *Macrino* é a primeira biografia da

² “quid Marius Maximus, homo omnium verbosissimus, qui et mythistoricis se voluminibus implicavit”.

³ Cf. “Les six pseudonymes” em Chastagnol 1994: CII e segs.

História Augusta dotada de um Prefácio, no qual o autor explicita os parâmetros norteadores de seu trabalho, contrapondo boa/má biografia. A discussão está centrada em quais fatos devem ou não ser registrados, no contraste entre o “*dignum memoratu*” e as “*vilia rerum*”. O ponto central é a importância dada ao conhecimento do caráter do imperador. Para justificar o relato de determinados fatos, minúcias aparentemente irrelevantes, o autor recorre ao argumento de que é preciso informá-los ao leitor, para que este possa formar por si um juízo sobre a personagem biografada.⁴ O biógrafo admite detalhes apenas se eles auxiliem a retratar o caráter do homem.

A importância em retratar o caráter do imperador coincide com o juízo emitido por Plutarco sobre a composição de biografias, no seu Prefácio de *Alexandre*, onde afirma que são os fatos triviais aqueles capazes de revelar o caráter do personagem biografado mais nitidamente do que o relato do aspecto grandioso de acontecimentos e guerras, combates, batalhas e assédios

A História Augusta enumera, ao longo de todo seu texto, 36 historiadores e biógrafos não autênticos; o mais citado é Cordo, que aparece 27 vezes, chamado tanto de Júnio Cordo (10 vezes) como de Élio Cordo (Chastagnol 1994: CVIII). Cordo é apresentado como um escritor especialista em biografar estes príncipes mal conhecidos e amador de anedotas triviais e de detalhes mentirosos, adepto assim da *mythistoria*, que Chastagnol chama de romance histórico e de “petite histoire” (Chastagnol 1994: XL).

Além de personagens fictícios, como este Júnio Cordo e Trebélíu Polião⁵, o autor refere-se também a personagens reais como Suetônio e Mário Máximo, biógrafos bastante populares e ainda lidos no século IV. Júnio Cordo é apresentado como o paradigma do que deve ser evitado. No Prefácio da *Quadriga de Tiranos*, também Mário Máximo é criticado como homem muito prolixo. Já outro autor, Trebélíu

⁴ Para Hengst há uma lacuna no manuscrito de *Macrino* antes de “mas somente em parte” (*sed ex parte*).

⁵ Chastagnol e Den Hengst aventam inclusive quais as fontes que serviram de inspiração para o autor inventar estes codinomes. Trebélíu Polião seria um gentilício, derivado do nome incorreto de um usurpador, o tirano Trebeliano, que se origina de um erro cometido por Eutrópio (Chastagnol p. LXIX 1994 e CIV; Hengst 1981: 69). O nome Cordo foi inspirado no verso 2 da Sátira I de Juvenal. (Cf. Chastagnol 1994: CIX).

Polião, é citado como exemplo positivo por ter incluído em sua obra usurpadores pouco conhecidos (Syme 1983: 25-26). Nesse Prefácio da *Quadriga de Tiranos* o autor da *História Augusta* dá uma das suas demonstrações de humor, ao dizer que Mário Máximo “*mythistoricis se voluminibus implicavit*”, ou seja, que o biógrafo literalmente “se enrolou” em sua obra. É preciso lembrar que o *volumen* na Antigüidade representava um rolo, no qual a obra era escrita. Para ele, Mário Máximo, que não seguia o bom preceito da concisão, ao encher suas biografias com histórias romanceadas, terminava se enredando com a extensão do trabalho. Esta crítica, em tom humorístico, é parte da justificativa apresentada pelo autor da *História Augusta* para redigir a biografia de quatro usurpadores pouco conhecidos: Firmo, Saturnino, Próculo e Bonoso.

Em seu Prefácio, o pseudo-Vopisco argumenta que ele iria tratar desses quatro obscuros pretendentes ao império, embora nem Suetônio, que primava pela concisão, nem Máximo, escritor prolixo, tivessem dedicado obras especiais a este tipo de personagens. Mas como Polião reuniu em um único livro a vida de vários tiranos, ele seguiria seu exemplo, dedicando também um capítulo a estes quatro que viveram sob o reinado de Aureliano.

Se a discussão em ambos os Prefácios gira em torno do que merece ou não ser registrado, considerando-se a época e o gênero biográfico as questões ali colocadas pelo autor da *História Augusta* são duas: quais príncipes merecem uma biografia, e quais são os fatos dignos de registro ao se escrever sobre a vida de imperadores. Estabelece-se uma distinção clara: por um lado, os príncipes que tiveram longos reinados e sobre os quais era fácil encontrar muita informação, como Trajano, Antonino Pio e Marco Aurélio; por outro lado, os usurpadores (os *tyranni*), ou os chamados Césares (título habitual dos filhos de imperadores reinantes), que reinaram por pouco tempo e sobre cujas vidas os dados eram escassos já naquela época. Na verdade, a *História Augusta* aqui já está nos revelando o método com que foi composta: o seu autor usou as fontes disponíveis para compor as biografias principais; mas quando não encontrou material suficiente para compor as biografias de personagens secundários, (esses imperadores que tiveram “reinados efêmeros”), ele re-

correu deslavadamente à ficção, enchendo páginas com aquilo que chama de “*myhistoria*” na obra de Júnio Cordo e de Mário Máximo.

A insistência sobre o (*in*)*dignum memoratu* é um dos *topoi* nos proêmios de historiadores da Antigüidade. A menção de detalhes insignificantes era considerada incompatível com a dignidade da historiografia, embaraçando a fluidez da exposição histórica (Hengst 1981: 44). Na literatura latina a idéia é expressa em Catão, *Origines* IV,11 *non lubet scribere quod in tabula apud pontificem maximum est, quotiens annona cara, quotiens lunae aut solis lumine caligo aut quid obstiterit*. Catão o Censor afirma que não lhe agradava relatar em sua obra aquilo que de costume figurava nos Anais elaborados pelo pontífice supremo, tais como o registro de fatos sobre a alta do preço dos cereais e as vezes em que a luz da lua ou do sol foi obscurecida por uma nuvem ou por alguma coisa.

No *Sobre o orador* (II,XV,63) de Cícero encontramos a exposição de certos princípios historiográficos. Para ele, a construção do relato histórico baseia-se nos fatos e na sua expressão; os eventos deverão ser examinados quando forem “importantes e dignos de memória”: *in rebus magnis memoriaque dignis*. Na tarefa de escrever história, o orador deve expor não apenas as ações (*non solum res gestae*) dos personagens que se sobressaem pela fama, mas também o seu caráter e a sua vida (*vita atque natura*).

Salústio em *A Conjuração de Catilina* 4,2 afirma: *statui res gestas populi Romani carptim ut quaeque memoria digna videbantur perscribere*. Ou seja, “tomei a decisão de escrever a história do povo romano, extraindo dela os fatos que me pareciam dignos de registro”.

O historiador romano Amiano Marcelino ao compor o livro XXVIII das suas *Res gestae*, entre os anos de 368 e 370, cita esta última frase, declarando sua intenção de evitar detalhes insignificantes. Após referir-se a certos tumultos ocorridos em Roma, desejando que um perpétuo silêncio tivesse colocado no esquecimento aquelas chacinhas, afirma: *carptim ut quaeque memoria digna sunt explanabo*, “limitar-me-ei a expor brevemente aquilo que é digno de ser recordado” (XXVIII,1,2).

Daniel den Hengst (1981: 45) assinala que o prefácio de Opílio Macrino apresenta semelhança com Amiano 26,1,1 onde este se defende contra as críticas daqueles

que: *strepentes ut laesos si praeteritum sit, quod locutus est imperator in cena, uel omissum quam ob causam gregarii milites coerciti sunt apud signa (...) quodque cunctorum nomina, qui ad urbani praetoris officium conuenere, non sunt expressa, et similia plurima praeceptis historiae dissonantia, discurrere per negotiorum celsitudines adsuetae, non humilium minutias indagare causarum*. Assim, Amiano refere-se aos inoportunos críticos da sua obra: “os quais protestam, como se ofendidos, se é silenciado o que o imperador disse enquanto ceava, ou se é omitido o motivo pelo qual simples soldados foram punidos diante das insígnias (...) que não foram recordados os nomes daqueles que acompanharam o pretor urbano no dia em que assumiu o cargo, ou por outras razões semelhantes, que estão em desacordo com os princípios da história, habituada a tratar dos assuntos mais elevados e não a indagar sobre pormenores de interesse desprezível”.

Após relatar vários casos de tortura e processos, Amiano diz sobre outros fatos similares: *quae singula narrare non refert, ne professione modum, quod euitandum est, excedamus*, “não nos deteremos a expô-los um a um, para que evitemos ultrapassar os limites impostos pela narrativa” (XIV,9,9). Em outras duas passagens a mesma idéia é reforçada: *nec historiam producere per minutias ignobiles decet*, “não convém prolongar a narrativa histórica com episódios insignificantes” (XXVII, 2,11) e em XXVIII 1,15 - *non omnia narratu sunt digna, quae per squalidas transiere personas* “não merece ser relatado tudo o que acontece entre pessoas de ínfima condição”.

No século IV d.C. a distinção entre redigir uma História de Roma e compor biografia de imperadores romanos perdera qualquer nitidez. De certa forma, a preocupação dos historiadores sempre fora registrar para os “homens vindouros” a ação dos governantes, com o objetivo de escapar ao esquecimento - o destino dos homens obscuros. Referências a *memoria* e o verbo *memoro* comparecem desde Salústio e Cícero nos preceitos de elaboração de história. A questão persistia no período tardio: se considerarmos as afirmativas de Amiano, ainda se discutia o que valia a pena ser registrado, para ficar “na memória”.

A História começou pelo mito e desde Homero não deixou de se envolver com ele. Os nomes dos reis de Alba e depois de Roma foram inventados; da mesma

maneira o redator da *História Augusta* fabricou os nomes dos autores que jamais existiram (Chastagnol 1994: C).

A segunda metade do século IV viu florescer romances com trama histórica e falsos documentos; a *História Augusta* não está sozinha em matéria de ficção. Na mesma época foi publicada uma correspondência entre Sêneca e São Paulo. São Jerônimo não fica atrás da *História Augusta*: suas biografias de São Paulo de Tebas, de Hilarião e de Malco são fantasistas e irrealis; Agostinho estava tão preocupado pela questão da mentira que escreveu sobre o tema uma carta à Jerônimo em fins do século IV (Chastagnol 1994: CI).

A época da *História Augusta* e de São Jerônimo parece ser a do apogeu do “romance histórico”, ou antes, da “história romanceada”, a *mythistoria*. A atmosfera da época era favorável às excentricidades de um autor a quem Chastagnol chama de *facetieux* e pouco escrupuloso. O autor da *História Augusta* ainda critica com desenvoltura Mário Máximo e um pseudo-Cordo, que ele próprio inventou, por terem misturado volumes inteiros de fábulas aos seus escritos (Chastagnol 1994: CII).

É como se ele se divertisse duplamente: primeiro, criando com sua imaginação uma narrativa de pura ficção e, depois, afetando uma seriedade que não era uma de suas preocupações, criticando autores a quem acusava da mesma prática.

Gaffiot traduz o substantivo *mythistoria* por “*récit fabuleux*” e o adjetivo *mythistoricus* por “*mêlé d’histoires et de fables, fabuleux*”. Na tradução da *História Augusta* para a Coleção Loeb, feita por David Magie, encontramos *mythistoria* como “*gossip*” (Macr. 1,5) e como “*pseudo-historical work*” (Quadr. Tir. 1,2). Já Soverini, em sua tradução para o italiano, em *Macrino* a traduz por “*libri di storia romanzata*” e na *Quadrige de Tiranos* por “*opere miste di storia e favola*”. Chastagnol adotou “*histoire romancée*” para traduzir ambas passagens para o francês. Para Hengst o contexto em que *mythistoria* foi usado sugere o sentido de “*petite histoire*”, “*gossip*”. Ambos elementos são combinados no equivalente latino *fabula, fabella, historia fabularis* (Suet. *Tib.* 70). Para ele, as *infimae res* e as *res viles* descrevem a substância de *mythistoria* (Hengst 1981: 52-53).

Pelo exposto acima, parece-nos que o sentido do termo mithistória se esclareça melhor dentro do contexto da obra e da época em que foi criado. Entre os sentidos registrados de – *mythos*, um dos componentes da palavra, encontramos o de “narrativa não histórica”, que expressaria a idéia de uma narrativa inventada, imaginada por ficção; isto se enquadra no relato de frivolidades, de fatos pouco significativos, criados pelo autor da História Augusta na falta de “fatos verídicos”.

Referências Bibliográficas

- AMMIANO MARCELLINO. *Istorie*. Bologna, Zanichelli, 1981-1982.
- CATON. *Les origines (fragments)*. Paris, Les Belles Lettres, 1986.
- CICERÓN. *De l'orateur*. Paris, Les Belles Lettres, 1927.
- CHASTAGNOL, André. “Introduction générale”. In: *Histoire Auguste*. Paris, Éditions Robert Laffont, 1994. p. IX-CLXXIV.
- GAFFIOT, Felix. *Dictionnaire illustré Latin-Français*. Hachette, 1934.
- HENGST, Daniël den. *The prefaces in the Historia Augusta*. Amsterdam, B.R. Grüner, 1981.
- HISTOIRE AUGUSTE. Traduction par André Chastagnol. Paris, Éditions Robert Laffont, 1994.
- FORCELLINI, A. *Lexicon totius Latinitatis*. Patavii, 1940.
- SALLUSTE. *Conjuration de Catilina. Guerre de Jugurtha*. Texte établi par B. Ornstein et trad. par J. Roman. Paris, Les Belles Lettres, 1924.
- SALÚSTIO. *A conjuração de Catilina. A guerra de Jugurta*. Trad. de Antônio da Silveira Mendonça. Petrópolis, 1990.
- SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE. English translation by David Magie. Cambridge (Mass.); London, Harvard University Press; William Heinemann, 1980-1982. v. 2-3.
- SCRITTORI DELLA STORIA AUGUSTA. a cura di Paolo Soverini. Torino, UTET, 1983.
- SYME, Ronald. *Historia Augusta papers*. Oxford, Clarendon Press, 1983.